

Notícia da identificação do sítio arqueológico de Sevelha (Verride)

Em primeiro lugar, aproveito para agradecer o convite que me foi proposto e é com agrado que presto o meu contributo para dar a conhecer um pouco do património arqueológico de Montemor-o-Velho.

O texto que aqui se apresenta enquadra-se no projecto: Prospecções Arqueológicas Pontuais de Sítios no Concelho de Montemor-o-Velho¹, dirigido pela Prof. Doutora Helena Catarino, docente da FLUC e aprovado pelo IGESPAR, IP.

Procura-se aqui apresentar alguns testemunhos arqueológicos evidenciados pelas prospecções de terreno já iniciadas, nomeadamente para a área de Verride, uma freguesia do concelho detentora de uma favorável aptidão geomorfológica, onde convergiram antigos braços navegáveis do Mondego, fornecendo às populações locais uma importante acessibilidade.

O objectivo de visitar a pequena povoação de Outeiro da Moura e subir ao cabeço que lhe fica adjacente (Costa do Barrão), acabou por resultar na identificação de um sítio arqueológico inédito com a designação de Sevelha. O seu acesso é feito pela Estrada Municipal que liga Verride a Reveles, por um caminho de terra batida, que sobe para a povoação de Outeiro da Moura. O sítio arqueológico fica sensivelmente a meio do percurso, numa plataforma à direita (entre os 18 e os 25m), virada a SE.

Esta plataforma é circundada por uma antiga reentrância paleoestuarina² estando parcialmente coberta por mosaico vegetal (predomínio da oliveira, loureiro, carvalho, alguns sobreiros, vegetação rasteira, onde se encontra a planta do acanto (amplamente utilizada como ornamento arquitectónico no período Romano), e contaminações – salgueiros e acácias. Ao nível pedológico verifica-se uma diversificada presença de afloramentos calcários, terrenos arenosos no vale e mais argilosos em altitude. De uma forma geral são solos argilo-calcáreos que propiciam as sementeiras do arroz, milho e leguminosas.

* - Marco Alexandre Ferreira Penajoia (Licenciado em Arqueologia e História, Mestrando em Arqueologia e Território - FLUC).

1 - No âmbito do meu estudo académico sobre povoamento em torno de Montemor-o-Velho.

2 - A presença de blocos tipo conglomerado de grandes dimensões, onde se observa claramente cascalho arredondado unido por uma matriz fina de areia. Relaciona-se esta presença com a dinâmica fluvial, onde o transporte de sedimentos grosseiros e areia atingia zonas costeiras.

Foi, precisamente, a partir desta plataforma que se realizou a primeira identificação do sítio, em terrenos agrícolas, mais próximos do caminho, onde se detectou considerável concentração de materiais cerâmicos. Os vestígios estendem-se, porém por taludes e desníveis até ao vale, onde se encontram sobretudo pedras e elementos de construção. Destes destacam-se os seguintes:

- Fragmentos de cerâmica

- Cerâmica comum, nomeadamente bordos de panelas³;
- Uma asa de ânfora⁴, enquadrável na tipologia Dressel 2-4 de origem Itálica, ou imitação, para transporte de vinho, de cronologia entre o fim do Séc. I a. C. / Séc. I d.C.;
- Um fragmento de cossoiro⁵;
- Tegulae (uma com impressão digitada), imbrices, lateres, tijolos de quadrante e lateral, ladrilhos, sendo de particular interesse os que apresentam decoração incisa numa sequência de linhas onduladas.

- Elementos arquitectónicos

- Fragmentos de blocos calcários facetados, de pequena e média dimensão, que integrariam as estruturas habitacionais;
- Uma base de coluna fragmentada aparentemente de estilo Toscano;
- Um fragmento de calcário decorado.

Registe-se, ainda, a presença de escórias, algumas cerâmicas de construção e alinhamentos pétreos, principalmente em direcção ao vale.

Embora localizado a cerca de 560m a SW das prospecções, podemos relacionar o sítio de Sevelha com as águas termais, designadas por Termas do Brulho / Tanque ou Fonte de Sevelha⁶.

3 - Um dos bordos detém um fabrico calcítico.

4 - Contentor que servia para o armazenamento e transporte de géneros consumíveis. Sabemos que os produtos envasados em ânforas se associam mormente ao período romano onde o ciclo militar e comercial assume maior expressão.

5 - "Os cossoiros, *verticili* ou fusaiola, num sentido lato, são pequenos discos lisos ou decorados, de vários tipos ou formas, na sua maior parte feitos em argila (...) tendo uma perfuração central. Eram colocados na parte inferior do fuso, como remate e, assim, davam o equilíbrio necessário, servido de volante, que mantinha e prolongava o movimento rotativo que a mão da fiandeira lhe imprimia" SILVA, Maria; OLIVEIRA, Paula (1999) - "Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmiento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa)", *Revista de Guimarães*, Volume Especial, II, Guimarães, pp. 636.

6 - Conforme informações orais do Sr. António Ricardo Camarada, que refere esta designação para as termas do Brulho. Acrescentando também que em todo aquele perímetro existiam vários moinhos que aproveitavam a vala ainda existente, mas que na sua «juventude tinha muito caudal», e que um deles se chamava Moinho de Sevelha.

Descritos os resultados preliminares, este sítio arqueológico continua a ser objecto do nosso estudo, estando contempladas prospecções mais sistemáticas. Os trabalhos a desenvolver visam obter a mancha real de dispersão dos vestígios e conseguir distinguir áreas habitacionais e/ou funcionais, relacionadas com aspectos vivenciais e económicos, inerentes à exploração de uma *villa* romana. Assim, oportunamente esperamos aqui divulgar esses resultados.



Fig. 1 - CMP n° 239, com a posição do sítio arqueológico.



Fig. 2 - Panorâmica geral do sítio arqueológico.



Fig. 3 - Fragmento de base de coluna



Fig. 4 - Conjunto de alguns materiais descritos (tijolo de quadrante, telha, ladrilhos, calcário decorado e escória).

